

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA IDENTIDADE CABO-VERDIANA: subsídios para o seu estudo

JOÃO PAULO MADEIRA¹

RESUMO:

A cultura como elemento definidor da identidade só deve ser compreendida se tomarmos em consideração o contexto da sua existência, em razão da sua abrangência e as motivações que lhe estão subjacentes. Como resultado das transformações e das evoluções, as manifestações culturais permitem a evolução humana, uma vez que o homem é o produto e também produtor da própria cultura. São inúmeras as formas de manifestações culturais: os costumes, as crenças, as tradições orais, a sabedoria popular, a língua, a música e a dança, os padrões de comportamento, as ideias sobre a existência, bem como a religião. Neste artigo procura-se descrever as manifestações culturais da identidade cabo-verdiana, numa abordagem sócio histórica, analisando o vínculo da sua formação, que se encontra nas duas culturas distintas: a Europeia e Africana.

Palavras-chave: Cabo Verde. Identidade. Cultura Cabo-verdiana. Manifestações Culturais e Sociedade.

ABSTRACT:

The culture as a defining element of identity should only be understood if we take into account the context of its existence, because of its scope and the motivations behind it. As a result of the changes and developments, cultural events allow human evolution, since man is the product and also producer of culture itself. There are numerous forms of cultural events: the customs, beliefs, oral traditions, popular wisdom, language, music and dance, patterns of behavior, ideas about the existence and religion. This article seeks to describe the cultural manifestations of the Cape Verdean identity, a historic partner approach, analyzing the bond of their training, which belong to two distinct cultures: the European and the African.

Keywords: Cape Verde. Identity. Capeverdean Culture. Cultural Manifestations and Society.

INTRODUÇÃO

A cultura cabo-verdiana, em particular, proveio de um processo heterogéneo, onde as manifestações culturais surgiram sob diferentes formas. As raízes da sua formação encontram-se vinculadas sob duas culturas distintas: a europeia e africana. Esta perspetiva defende que, apesar do contacto e da base da formação da cultura cabo-verdiana estar intrinsecamente ligada ao passado da sua formação,

1. Docente da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), doutorando em Ciências Sociais no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP-UL) e investigador do Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP-ISCSP-UL). jpracomadeira@gmail.com; joao.madeira@docente.unicv.edu.cv

afirma-se com as suas especificidades, permitindo o reconhecimento da cultura e dos padrões e normas orientadoras da afirmação da identidade.

A identidade cabo-verdiana resultou do processo de cruzamento entre diferentes contingentes populacionais que participaram no processo de povoamento do Arquipélago de Cabo Verde. Este cruzamento possibilitou ao arquipélago a aquisição de uma cultura e identidade específicas, caracteristicamente peculiares, das quais fazem parte elementos como a língua, a música, a gastronomia, o sincretismo religioso, as tradições e rituais e hábitos de vida. Cada um desses elementos constituiu a riqueza da cultura e da identidade nacional, num processo de correlação.

O processo de colonização e povoamento pôs em contacto duas culturas e povos diferentes, possibilitando o início e o moldar, a passos definidos, de uma Nação caracterizada como singular, entre as Nações africanas colonizadas pelo antigo Império Colonial Português ou Ultramar Português. O Arquipélago, com já cinco séculos de existência, moldou-se e continua a moldar-se em torno de uma cultura e identidade definidas, que permitiram a construção de uma Nação: a Nação cabo-verdiana.

O contacto entre culturas diferentes permitiu o recorte de uma nova cultura, que adquiriu ao longo do tempo, características genuinamente cabo-verdianas. O “contínuo aumento da mestiçagem, a ascensão económica, a aristocratização intelectual, o prestígio social” permitiram o alastramento a todo o arquipélago, tanto horizontal como vertical, de expressões de cultura mestiça formadas desde a génese do homem cabo-verdiano. Daí o folclore poético, musical e novelístico, a culinária, os motivos de recreio, o folclore de adivinhas, de provérbios, os festejos populares, as superstições, os hábitos e os esquemas de comportamento (MARIANO, 1959, p. 40).

Os cabo-verdianos reconhecem-se perante um conjunto de manifestações culturais de base unificada, permitindo a formação da identidade e da Nação. Acontece precisamente com a cultura e a identidade cabo-verdianas, que “uma vez apreendidas e partilhadas, as normas e valores culturais contribuem para que determinado número de pessoas forme uma coletividade particular, passível de ser reconhecida e distinguida pela sua especificidade”(LOPES FILHO, 2003, p. 18). A cultura e identidade cabo-verdianas adquirem as suas singularidades no rol dos países colonizados pelo Imperio Português.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA IDENTIDADE CABO-VERDIANA

Falar da cultura é falar da relação do homem com o mundo, especialmente com o meio em que está inserido. Os antropólogos abordam essa interação como se tratasse de um organismo vivo, dinâmico, passível de modificações, em consequência da transformação da sociedade, em resposta ao ambiente e à tecnologia em que estão inseridos. A dinâmica e a transformação da cultura estão intimamente ligadas ao contacto com novas culturas, ou seja, com o diferente, e é nesse contacto, subjugado a fatores do passado, que surgem formas fecundas, enriquecedoras e importantes, que se concretizam no presente e alimentam o futuro de uma nação culturalmente organizada.

Neste sentido, germina-se em Cabo Verde, ao longo de cinco séculos, uma cultura caracteristicamente singular, híbrida, proveniente da uma mistura heterogénea de costumes e hábitos europeus e africanos. A configuração da identidade cultural do povo cabo-verdiano aconteceu ao longo de séculos de caldeamento (LOPES FILHO, 1981). As características culturais, apesar do seu carácter dinâmico, têm a sua base fundamentada na memória deste povo, construída a partir de imagens e símbolos do quotidiano e do passado.

A cultura é formada por um conjunto de manifestações, que se apresentam indispensáveis para um grupo de indivíduos ou para uma comunidade. Essas manifestações são mantidas vivas como memória oficial da sociedade, e repassadas para as novas gerações, constituindo indicadores da cultura local, com especificidade e particularismo. O particularismo verificado na cultura cabo-verdiana reflete-se num conjunto de elementos e manifestações culturais existentes, que possui características genuínas e endógenas. Fala-se da música, da gastronomia, da religião, da língua, da sementeira, do casamento, dos rituais da morte, da harmonia e das boas convívências, entre outras. Cada um desses elementos constituiu a riqueza da cultura e da identidade nacional, num processo de correlação.

1. LÍNGUA CABO-VERDIANA

A língua, desde os primórdios da humanidade, tem auxiliado o homem na comunicação com o seu semelhante, possibilitando a compreensão mútua e a definição como coletividade ou Nação. A língua demonstrou-se como processo

importante para identificação e representação social das comunidades culturalmente organizadas, ou seja, como símbolo nacional de significativa importância. Ela marca, perante realidades e contextos diferentes, a história do homem cabo-verdiano, que, pela necessidade urgente de comunicar com os seus semelhantes, adquiriu uma língua de comunicação e de unificação longitudinal.

É no cenário do contacto entre as línguas, e ainda no período da colonização, que o aparecimento do crioulo cabo-verdiano também se legitima. Num contexto onde a comunicação se torna uma necessidade urgente, a língua cabo-verdiana surge da interação e da adaptação entre as línguas presentes no período de povoamento/colonização. O crioulo acabou por ser uma transformação do português. O colonizador precisava de ser entendido, e a língua é tida como um veículo, um instrumento para a compreensão da comunicação. Constitui um “instrumento ao serviço do colonizador”. Para tal, foi necessário aqui simplificar ao máximo a língua, tendo a parte redundante sido eliminada. Essa língua surgiu no contexto colonial português, o que possibilitou a sua passagem por um processo sociolinguístico e consequentemente marcas visíveis na sua estrutura linguística (LIMA, 1992, p. 24-25).

A língua adaptou-se à realidade do arquipélago, como um dos maiores patrimónios nacionais, por encerrar princípios identitários e narrar a história rica de um país insular no meio do Atlântico. Ela representa uma memória social, uma vez que é instrumento de uma cadeia de reprodução de saberes que se vão comunicando e transmitindo às novas gerações. É o principal elemento identitário do cabo-verdiano e, consequentemente, um dos fatores mais importantes da cabo-verdianidade. Em Cabo Verde, a língua assumiu um papel preponderante na definição do homem cabo-verdiano. “A língua caboverdiana é, deste modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade” (VEIGA, 2002, p. 7).

A afirmação identitária faz-se, muitas vezes, por meio do uso da língua crioula tanto no arquipélago de Cabo Verde como no arquipélago migratório surgindo a língua como símbolo de uma semiótica de diferença ganhando maior poder com a possibilidade de uma escrita unificada. A língua emerge, no caso cabo-verdiano, como um instrumento (social e político) importante para a criação e sustentação de uma identidade étnica. O crioulo é considerado o veículo da divulgação da cultura cabo-verdiana dos residentes e nas diásporas, e possibilitou a sedimentação e difusão duma cultura secular.

2. MÚSICA

Um segundo elemento deve-se à música. Esta desempenha um papel de extrema importância no processo de construção da identidade e da Nação cabo-verdiana. Numa perspetiva identitária ela surge como veículo privilegiado da divulgação, afirmação e expressão da identidade ou seja, da cabo-verdianidade. Cabo Verde, ao longo da sua história, elaborou uma música tradicional, de uma vitalidade surpreendente “que acabou por dar origem a géneros fortemente caracterizados e enraizados no seu universo” (BRITO, 1998, p. 13), e a música é “uma das pedras basilares mais fortes da unidade nacional” (MONTEIRO, 2003. p. 34).

O ritmo musical cabo-verdiano é o híbrido, abarcando misturas de ritmos de culturas diferentes, e, é a partir desta mistura, que se cria um novo estilo musical que enraíza as características nacionais de Cabo Verde. Apesar do panorama musical cabo-verdiano se caracterizar por vastíssimos géneros, os mais tradicionais singularizam a Nação cabo-verdiana. Entre eles, destacam-se a Morna, a Cola-deira, o Batuque, o Finaçom e o Funaná. A música desempenhou e desempenha, no panorama nacional cabo-verdiano, um papel de extrema importância, e isto porque se, por um lado, recorrendo ao passado foi uma manifestação de resistência contra o regime colonial, por outro, constituiu e constitui até hoje o veículo de divulgação da cultura cabo-verdiana para o resto do mundo (RAMOS, 1977).

Tanto no interior das ilhas como na diáspora, a música cabo-verdiana, expressa através de vários géneros e formas musicais a par de outras manifestações culturais proeminentes, tem vindo a contribuir, significativamente, para a emergência de um sistema cultural e identitário cada vez mais heterogéneo, diversificado e rico, reconstruído, a partir, também, das dinâmicas impostas à sociedade crioula, de fora para dentro, por intensos processos de globalização, conquanto assente na sua matriz.

3. GASTRONOMIA

Ela é rica, pela particularidade na sua confeção e preparo. Envolvendo todo um ritual sincrético que a particulariza, faz com que seja reconhecida como uma das marcas mais visíveis da identidade nacional. A culinária cabo-verdiana é baseada em pratos típicos, confeccionados, sobretudo a partir do milho e do feijão,

da batata-doce e da mandioca, que resultaram de uma adaptação, ao longo do tempo, ao clima. Devido à pobreza do solo, os cabo-verdianos fizeram proezas em transformar os escassos recursos alimentares numa gastronomia particularmente rica, que orgulha a cultura nacional (CASTRO, 2003).

Nesta perspectiva, conservaram-se os pratos tradicionais como a “Katxupa” que é confeccionada a partir do milho, principal produto alimentar dos cabo-verdianos, desde a colonização. A cachupa constitui um elemento de identificação do povo de qualquer uma das ilhas. É também um elemento estruturante da identidade cabo-verdiana. O “Xeren” é também feito com milho, adicionando-se leite de coco, para lhe dar um sabor mais atrativo. Do milho, ainda é feita a conhecida “Djagasida” (papa de farinha de milho cozido com feijão fava ou outros) e o “Kuskus”, pastel de farinha de milho, muito apreciado. Estes pratos são culturalmente reconhecidos pelos cabo-verdianos dentro e fora do país, e ainda por alguns que procuram Cabo Verde como destino turístico ou de residência. É neste sentido que a cultura e a gastronomia de qualquer nação ou comunidade, estão intimamente ligadas.

A gastronomia apresenta-se com características próprias, feita de sabores originais, que especificam Cabo Verde no mundo, e possibilitam o seu reconhecimento como um dos patrimónios culturais. “A gastronomia é um inventário patrimonial tão importante culturalmente quanto os museus, as festas, as danças e os templos religiosos”(FREIXA & CHAVES, 2008, p. 19). Desta forma, a gastronomia cabo-verdiana é, na sua essência, uma das suas riquezas culturais, e o cabo-verdiano soube, a partir do que possuía, criar e inventar aquilo que, depois de alguns séculos, permaneceu intacto na memória da nação cabo-verdiana, apesar de ser adaptada aos novos tempos, sem perder os traços tradicionais e emblemáticos (CHANTRE, 1993).

4. SINCRETISMO RELIGIOSO

Para além da língua, música e gastronomia, o sincretismo religioso em Cabo Verde é, também, na sua essência, um dos fatores da unidade nacional. Considera-se que, neste arquipélago, por causa da colonização e do povoamento, a maioria da população é cristã, e professa a sua religião através da Igreja Católica, em harmonia com as crenças e valores tradicionais, que permitem estabelecer uma relação entre certos rituais e a aplicação de valores religiosos adquiridos,

num contexto onde a Igreja Católica se assume como uma das instituições mais dominantes na transmissão dos valores sociais.

A Igreja Católica assume-se como a primeira instituição de relevância no arquipélago de Cabo Verde, com uma base moral, sob a qual se estrutura a sociedade cabo-verdiana, “visto ser na Igreja que assentavam as bases de toda a ordem moral e social da época” (LOPES FILHO, 1996, p. 180). Em consideração à identidade nacional cabo-verdiana, a Igreja Católica foi a força estruturante no arquipélago, que, desde o início da colonização, se envolveu na difusão dos valores ocidentais (FERNANDES, 2002).

A crença pode ser definida, no campo religioso, como a fé que a pessoa e/ou a comunidade deposita nas suas demais formas religiosas e também em outros campos que não o sejam. Isto significa que a crença pode ter, tanto de carácter religioso, como de profano, que, em muitos casos, se misturam. Em Cabo Verde, ligadas à religião, existem as crenças como as orações fúnebres e os ritos funerários, entre outros (LOPES FILHO, 1981). São inúmeras as crenças e valores religiosos que se coadunam na prática social dos cabo-verdianos.

As práticas religiosas do baptismo e casamento, as festas de santos e romarias, os rituais religiosos à volta da morte, entre outras, são as mais importantes. De facto, a religião desempenha, muito pelo contexto peculiar da sua origem e afirmação no arquipélago de Cabo Verde, um papel de importância ímpar, fazendo com que os cabo-verdianos se reconheçam num tecido social e cultural único.

5. RITUAIS FÚNEBRES

Como último elemento, poderemos apontar os rituais fúnebres que são tidos como fenómenos que encerram em si princípios de unidade e de solidariedade. Em Cabo Verde, a morte é encarada com todo o respeito e solidariedade, fazendo com que este fenómeno una a Nação e eternize o sentimento de solidariedade e de aproximação profunda vivida com o semelhante (MENDES, 2012).

Em Cabo Verde, a morte envolve um conjunto de rituais desde a preparação do defunto até à cerimónia final que coincide com o luto e o apaziguamento das almas. Identificar e compreender estes rituais ajudam também a compreender a cultura cabo-verdiana e, de certa forma, compreender as manifestações marcantes do quotidiano deste arquipélago.

Todo esse processo tem um significado muito profundo na cultura cabo-verdiana, que faz da morte, e, concretamente, das crenças e dos valores que a envolvem, elementos peculiares e formatadores da identidade nacional. A importância que os cabo-verdianos atribuem ao fenómeno da morte, é expressa através dos rituais fúnebres, que se sintetizam num conjunto de procedimentos sistematizados e enraizados no quotidiano deste arquipélago, moldando a sua cultura e representando especificidades na formação do campo identitário da Nação. Criaram, sob a base de uma cultura secular e das influências da colonização, formas específicas de encarar o dia-a-dia, dando significados às suas manifestações culturais, e criando símbolos e representações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A singularidade adquirida pela cultura e identidade cabo-verdianas no rol dos países colonizados pelo antigo Império Colonial Português é um facto, e deveu-se a particularidade da sua história de colonização e subsequente processo de povoamento.

Registada e documentada por historiadores, antropólogos e figuras emblemáticas nacionais, o povo cabo-verdiano se originou de uma realidade considerada esporádica, e que soube, perante ela e com os recursos disponíveis, criar um conjunto de manifestações culturais de significativa importância nacional.

Cabo Verde é uma nação singular que, através do processo de miscigenação, deu um significado ao seu povo, resultado do encontro casual entre civilizações completamente diferentes: africana e europeia.

O artigo ora apresentado mostra, em breves linhas, o contorno das manifestações culturais da identidade cabo-verdiana ao longo de alguns séculos, e, por mais que se estude essa realidade, ela não se esgota em si. Neste sentido, fica em aberto a possibilidade de outras leituras e perspectivas científicas. Mas, se pode afirmar que a origem e o percurso da cultura e da identidade cabo-verdianas constituem casos singulares entre as Nações africanas, principalmente as da África Lusófona.

REFERÊNCIAS

BRITO, M. (1998). *Os instrumentos musicais em Cabo Verde*. Mindelo: Centro Cultural Português.

CASTRO, M. T. L. (2003). *Cozinha tradicional de Cabo Verde*. Lisboa: Publicações Europa-América.

CHANTRE, M. L. (1993). *Cozinha de Cabo Verde*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença.

FERNANDES, G. (2002). *A diluição da África: uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial*. Florianópolis: UFSC.

FREIXA, D.& CHAVES, G. (2008). *Gastronomia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Senac.

LIMA, A. M. (1992). *A poética de Sérgio Frusoni: uma leitura antropológica*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Português.

LOPES FILHO, J. (2003). *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde.

_____ (1996). *Ilha de São Nicolau: formação da sociedade e mudança cultural*.v. 2. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Educação.

_____ (1981). *Cabo Verde: subsídios para um levantamento cultural*, Lisboa: Plátano.

MARIANO, G. (1959). “Do funco ao sobrado ou o ‘mundo’ que o mulato criou”, *Colóquios cabo-verdianos*, n. 22. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, p. 23-50.

MENDES, A. (2012). *Viver a morte em Santiago: uma abordagem etnográfica*, Praia: Instituto de Investigação e do Património Culturais.

MONTEIRO, C. A. (2003). *Manuel d’Novas: música, cida, caboverdianidade*, Mindelo: Edição do Autor.

RAMOS, L. (1977). “A música de Cabo Verde”, *Voz di Povo*, 27 de agosto, p. 9.

VEIGA, M. (2002). *O caboverdiano em 45 Lições*, Praia: INIC.